



VV.AA. *Vinho Verde. História e Património - History and Heritage*. Porto: APHVIN/GEHVID – Associação Portuguesa de História da Vinha e do Vinho, 2015. ISBN 978-972-588-234-4

A importância do “Vinho Verde” enquanto recurso económico nacional e a sua valorização como património histórico-cultural levaram a APHVIN/GEHVID – Associação Portuguesa de História da Vinha e do Vinho, a encabeçar o projeto editorial *Vinho Verde. História e Património - History and Heritage*.

A continuação, apresentaremos brevemente os conteúdos da Revista.

O primeiro número desta revista científica abre com reflexões sobre a presença monástica na região dos Vinhos Verdes na Idade Média - Mosteiro de Paço de Sousa - Penafiel,<sup>1</sup> Mosteiro de Alcobaça,<sup>2</sup> presença dos beneditinos<sup>3</sup> na região e, de forma mais específica, no mosteiro de Terras do Bouro.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Lopes, Filipa da Silva. “A vinha e o vinho no contexto monástico: o caso de Paço de Sousa nos séculos XI e

<sup>2</sup> Maduro, Valério. “As Artes e as Técnicas na produção dos vinhos cistercienses de Alcobaça, uma abordagem em torno do inquérito agrícola da Real Academia de Ciências de Lisboa de 1787”, pp. 38-44.

Viana do Castelo é mostrada como porta de saída para o mundo dos Vinhos Verdes de toda a Ribeira Lima, de Monção e de Melgaço.<sup>5</sup> O significado vitivinícola do Vale do Lima, lê-se na notícia sobre as tabernas de Ponte de Lima (séc. XVIII),<sup>6</sup> ou no afã produtivo e dos lavradores de Ponte da Barca.<sup>7</sup> O vinho, fonte importante de rendimento é muito referenciado nas Memórias Paroquiais (1758) aqui usadas para leitura da paisagem agrária de Ponte de Lima.<sup>8</sup>

Fontes literárias mostram a relação entre o vinho e poder, em Cabeceiras de Basto, no século XVII, refletida nos atos eleitorais.<sup>9</sup> Ademais, a crise política portuguesa de 1833-1836, refletiu-se na evolução do preço dos produtos alimentares e de, entre eles, o do vinho vendido na cidade do Porto.<sup>10</sup> O mesmo especto está patente num estudo sobre produções do Alto Minho entre 1835 a 1883.<sup>11</sup>

Vinhos Verdes, brancos e tintos, também se produziram no Douro, desde a Idade Média.<sup>12</sup> Publicou-se uma lagareta e de várias peças rudimentares, encontradas na freguesia de Fornelos – Ponte de Lima.<sup>13</sup>

O Paço de Calheiros serviu de base a uma reflexão, exemplo modelar para outros casos sobre manutenção sucessória de patrimónios vitivinícolas de valor histórico.<sup>14</sup>

No âmbito da sociologia, observaram-se motivações, estratégias e comportamentos sociais no Minho do séc. XX.<sup>15</sup> Falou-se da taberna, enquanto espaço de sociabilidade - Porto e Gaia.<sup>16</sup>

---

<sup>3</sup> Marques, Gonçalo Maia. “O contributo dos monges negros beneditinos na qualificação do Vinho Verde”, pp. 57-62.

<sup>4</sup> Mota, Salvador Magalhães. “As Rendas em Vinho no Mosteiro de Sta. Maria de Bouro (Amares) 1655-1775: Observações e comportamentos”, pp. 155-165.

<sup>5</sup> Cardoso, António Barros “Os Vinhos Verdes e a Barra de Viana do Lima Verdes de Viana de a par do Lima, (Séc. XVIII)”, pp. 23-35.

<sup>6</sup> Araújo, Jorge F. Pereira. “Vendeiras e Estalajadeiras: as mulheres do vinho em Ponte de Lima no início do século XVIII”, pp. 75-80.

<sup>7</sup> Marques, Marta Miranda. “Pão e vinho nas Memórias Paroquiais de Ponte da Barca”, pp. 81-94.

<sup>8</sup> Silva, Francisco Ribeiro da . “Vinha, paisagem e economia do concelho de Ponte de Lima”, pp. 103-110.

<sup>9</sup> Tavares, Pedro Vilas Boas. “Vinho e eleições em Basto. Vicissitudes de um binómio (do Antigo Regime ao liberalismo)”, pp. 95-104.

<sup>10</sup> Oliveira, José António. “O preço do vinho e doutros produtos alimentares durante o Cerco do Porto (1832-1833)”, pp. 141-154.

<sup>11</sup> Rodrigues, Henrique. “Produção agrícola Oitocentista em terras de Vinho Verde”, pp. 111-140.

<sup>12</sup> Guimarães, J. A. Gonçalves, Almeida, Graça. “A comercialização de Vinho Verde por empresas de Vinho do Porto: o caso da Casa Ramos Pinto”, pp. 63-74.

<sup>13</sup> Reis, António Matos. “Uma lagareta ao ar livre, ainda em uso no século XIX”, pp. 169-174.

<sup>14</sup> Araújo, Henrique Luís Gomes de, Menezes, Francisco Calheiros. “Alianças e Estratégias de Gestão e de Sucessão em Empresas Familiares Vitivinícolas: O Caso do Paço de Calheiros”, pp. 175-183.

<sup>15</sup> Cardoso, António. “Da policultura à pluriactividade: recursos e desenvolvimento rural numa aldeia minifundiária do Minho (1960-2011)”, pp. 187-202.

<sup>16</sup> Magalhães, Dulce M. “Tabernas, vinhos e convívios - partilhas sociabilidárias em contextos semipúblicos portuenses”, pp. 203-215.

Nos artigos de matriz analítica sociológica, saiu uma comparação entre o que se partilha no Dão, no Douro e no Minho, em torno do consumo de “um copo de vinho”.<sup>17</sup>

Escritos de índole mais técnica, citamos um estudo sobre um projeto de salvaguarda de castas da Toscana, Itália,<sup>18</sup> e outro sobre as castas identitárias da região dos Vinhos Verdes.<sup>19</sup> Experiências de implantar a vinha no território dos Vinhos Verdes para potenciar produções, reduzir custos e não afetar o meio ambiente.<sup>20</sup>

Um enólogo falou das razões da predominância dos vinhos tintos na Região durante séculos,<sup>21</sup> assim mesmo, enoturismo não esteve ausente das páginas do primeiro número da revista *Vinho Verde*.<sup>22</sup> Realçou-se a importância comercial dos Vinhos Verdes por serem frescos, gaseificados, apresentarem baixo teor alcoólico e calórico.<sup>23</sup>

A *Grounded Theory*, foi abordada, aplicada numa tese de doutoramento, defendida na Universidade de Santiago de Compostela, sob o título “Refuncionalizando a Casa Solarenga”.<sup>24</sup>

António Barros Cardoso  
Universidade do Porto, FLUP – Faculdade de Letras  
Presidente da APHVIN/GEHVID  
(Associação Portuguesa de História da Vinha e do Vinho)

---

<sup>17</sup> Simões, José Marques apresenta O papel do vinho (verde) na construção do “todo social” das populações entre o Douro e Minho”, pp. 217-224.

<sup>18</sup> Scalabrelli, Giancarlo; D’Onofrio, Cláudio; Fausto, Claudia; Ducci, Elianora. “Exploitation the local grapevine germplasm as na opportunity for the future viticulture”, pp. 227-240.

<sup>19</sup> Mota, Maria Teresa da Fonseca Oliveira. “Contributo sobre a origem de alguns nomes de castas da DOC Vinho Verde”, pp. 241-247.

<sup>20</sup> Castro, Rogério de; Cruz, Amândio; Rodrigues, Carlos; Correia, Jorge; Costa, Ricardo; Guerreriro, Miguel; Castro, Joana. “Alternativas de plantação da vinha na Região Vinhos Verdes: tubos protectores, agrobiofilm ou solo nu” pp. 249-255.

<sup>21</sup> Lourerio, Vergílio. “A cor do vinho no Entre-Douro-e-Minho”, pp. 257-281.

<sup>22</sup> Leite, Márcio Guimarães; Araújo, Domira Fernandes de. “O potencial do Enoturismo – Turismo do Vinho no desenvolvimento local – Vale do São Francisco Bahia/ Pernambuco, Brasil”, pp. 257-281.

<sup>23</sup> Damásio, Manuel Castro. “A Região do Vinho Verde, os Solares, as Quintas e o Turismo no Espaço Rural”, pp. 291-300.

<sup>24</sup> Braga, José Luís; Scott, Helena. “Turismo de Habitação: uma teoria fundamentada”, pp. 285-290.